



As contribuições do PIBID para uma educação sem barreiras: experiências inclusivas no cotidiano escolar

Brenda de Jesus Oliveira¹

Juliana Freire Ramos²

Yan Santos Valete³

Tais Evelyn Santos Batista⁴

Viviane Borges Dias⁵

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da experiência formativa de quatro bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, subprojeto Biologia, da Universidade Estadual de Santa Cruz

- UESC, com foco na Educação Inclusiva. Diante dos desafios enfrentados pela educação pública no ensino de alunos com deficiência, como a falta de materiais didáticos adaptados e a dificuldade em desenvolver estratégias pedagógicas diferenciadas, este relato visa propor e analisar as estratégias adotadas a fim de eliminar as barreiras que impedem o processo de aprendizagem dos alunos em situação de inclusão. O trabalho adota uma abordagem qualitativa e consiste na análise da experiência de campo de quatro bolsistas em um Colégio Estadual no sul da Bahia, onde atuam no acompanhamento de duas estudantes do terceiro ano em situação de inclusão, contando com a orientação da professora supervisora. Os instrumentos de coleta de dados incluem a observação participante durante as aulas, o registro reflexivo em diários de bordo e a análise dos encontros formativos mensais, organizados pela coordenação do subprojeto. Os resultados preliminares indicam que a vivência no programa se configura como um espaço crucial para o desenvolvimento de uma docência inclusiva. A colaboração direta com a professora supervisora, aliada às reuniões formativas mensais, tem possibilitado a reflexão crítica e a produção de materiais didáticos adaptados para os estudantes, como a caixa dos sentidos, entre outras estratégias. A experiência com o PIBID tem se configurado como um marco importante na formação inicial, permitindo que os bolsistas articulem teoria e prática, desenvolvam sensibilidade pedagógica, empatia com os alunos e ampliem seus conhecimentos sobre educação inclusiva. Dessa forma, o Programa se consolida como uma política pública eficaz na valorização da docência e na preparação de futuros professores mais conscientes, empáticos, inclusivos e comprometidos com a diversidade presente nas escolas.

Palavras-chave: PIBID, Educação Inclusiva, Formação docente, Relato de experiência.

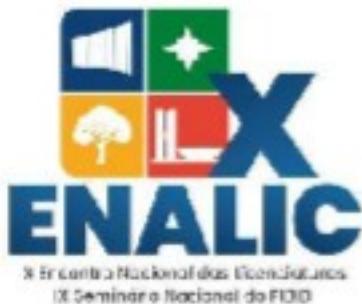
¹ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, bjoliveira.lbi@uesc.br;

² Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, jframoss.lbi@uesc.br;

³ Graduando pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, ysvalete.lbi@uesc.br;

⁴ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, tesbatista.lbi@uesc.br;

⁵ Professora Titular do Departamento de Ciências Biológicas, da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, vbdias@uesc.br;



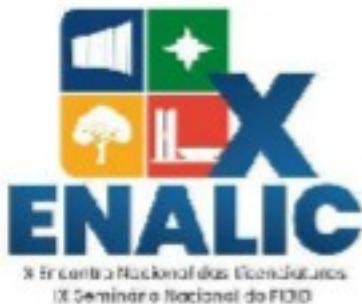
INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tem como objetivo principal fortalecer a formação inicial de professores para a educação básica. Implantado em 2007, o Programa possibilita que licenciandos tenham uma vivência prática no ambiente escolar. A inserção no cotidiano das escolas de educação básica permite a construção de experiências pedagógicas, o desenvolvimento de estratégias de ensino e a aproximação entre universidade e escola pública. Nesse sentido, Mercado e Guimarães (2012, p.271) destacam que a escola é como um “campo de experiências para produção de conhecimento durante a formação inicial de professores”, evidenciando a importância do PIBID enquanto um Programa que fomenta a formação inicial de professores.

Moryama, Passos e Arruda (2013) destacam que o PIBID possibilita a construção de conhecimentos práticos, fundamentais para a atuação docente. Os bolsistas do programa têm a oportunidade de estar em uma escola com docentes supervisores com anos de atuação, o que favorece uma troca de experiências muito significativa, corroborando com as palavras de Freire (1996, p.23), quando defende que, “Não há docência sem discância, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Desse modo, a ideia de que o ensino é uma “via de mão dupla” é reforçada, afinal, tanto quem ensina quanto quem aprende, trocam saberes e práticas no contexto do PIBID.

Para Silva (2019, p.56), "o programa tem contribuído para a melhoria do ambiente escolar, uma vez que as intervenções pedagógicas dos bolsistas, orientadas por docentes experientes, favorecem a implementação de novas práticas e estratégias de ensino", tais intervenções, afetam diretamente o desempenho dos alunos, tornando o ambiente da sala de aula, mais dinâmico e participativo. Assim, as experiências vivenciadas no PIBID possibilitam aos licenciandos aprimorar seus conhecimentos sobre metodologias de ensino e compreender as realidades escolares, com suas dificuldades e superações (Mattana et al., 2014). O resultado da pesquisa mencionada evidencia ainda que, o PIBID não apenas contribui para o domínio de metodologias e propostas didáticas, mas também aproxima os licenciandos das diferentes realidades escolares, tornando-os mais sensíveis às demandas do ambiente educacional.

Essa vivência prática é necessária para a formação de profissionais reflexivos e críticos,



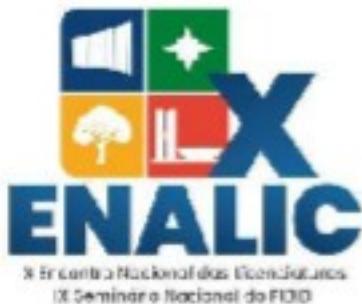
capazes de adaptar estratégias de ensino às necessidades de seus alunos, principalmente daqueles em situação de inclusão. Ademais, a reflexão sobre as propostas inclusivas perpassa sobre a necessidade de adaptar as estratégias, pois conforme Mantoan (2006, p.45) defende, “a escola inclusiva é aquela que muda para atender a todos. Ela reconhece que é a diversidade, e não a homogeneidade, que favorece o desenvolvimento humano.” O nosso subprojeto tem como eixo central a inclusão, e nossa participação no PIBID consiste em planejar e desenvolver estratégias pedagógicas (metodologias e recursos didáticos) acessíveis, que possibilitem a participação de todos os estudantes, garantindo que aprendam juntos e de forma colaborativa.

Diante dos desafios enfrentados pela educação pública brasileira, como a carência de materiais didáticos adaptados (especialmente ao ensino de Biologia) e a necessidade da discussão acerca da inclusão no cotidiano escolar, como ferramenta de combate à práticas pedagógicas excludentes e capacitistas, este trabalho objetiva analisar a vivência formativa de quatro bolsistas do subprojeto Biologia, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), analisando as estratégias metodológicas adotadas para a promoção da Educação Inclusiva em um Colégio Estadual no sul da Bahia, no acompanhamento de duas estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Não foi possível identificar com precisão a condição ou deficiência das alunas, no entanto, com base nas observações realizadas e nos apontamentos da equipe pedagógica da escola, acredita-se que possa se tratar de deficiência intelectual, uma vez que as estudantes demonstram dificuldades significativas em aspectos como a compreensão de conteúdos, a realização de atividades e a autonomia no ambiente escolar.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, que segundo Mussi, Flores e Almeida (2021) é uma forma de produção de conhecimento que se constrói a partir da descrição de vivências acadêmicas e/ou profissionais em ensino, pesquisa ou extensão. Para os autores, esse tipo de estudo integra bases teóricas e uma análise crítica sobre as práticas realizadas.

A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, consistindo na análise da experiência formativa de quatro licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), contemplados no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), atuantes em um Colégio Estadual no sul da Bahia,



acompanhamento de duas alunas do terceiro ano do ensino médio em situação de inclusão. O eixo central do subprojeto concentra-se no desenvolvimento de estratégias pedagógicas inclusivas, visando a construção de uma educação que respeite as diferenças e atenda às demandas de alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e/ ou deficiências no contexto escolar.

Os dados que fundamentam este trabalho foram construídos a partir do registro e observação dos bolsistas, durante as atividades do subprojeto, compreendendo três instrumentos principais: observação participante, diário de bordo e encontros formativos.

A observação participante, se justifica, conforme afirmam Moura, Ferreira e Paine (1998), como uma técnica que permite a coleta de impressões e registros sobre um determinado fenômeno, seja por meio do contato direto com os sujeitos observados ou com o auxílio de instrumentos que favoreçam esse processo. Tendo como objetivo principal reunir dados suficientes para a realização de uma pesquisa. Desse modo, permitiu aos bolsistas identificar barreiras de aprendizagem e promover a adequação das atividades ao contexto específico das estudantes em situação de inclusão.

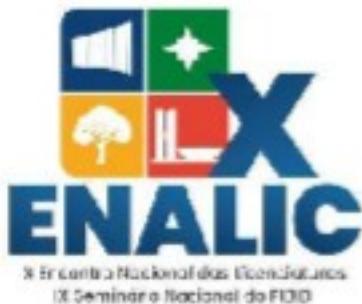
Nos diários de bordo, foram documentados ações, emoções e dilemas, que serviram para a análise crítica e o aprimoramento contínuo da intervenção docente, como principal recurso de autoavaliação. Ademais, segundo Dias, Pitolli, Prudêncio e Oliveira (2013), o Diário de Bordo se revela uma ferramenta essencial na formação docente, pois promove a reflexão sobre a prática e favorece processos de descoberta e enfrentamento de desafios no contexto profissional dos futuros professores.

A análise dos encontros formativos mensais, organizados pela coordenação do subprojeto, nos oportunizou o aprofundamento das reflexões teóricas e práticas sobre inclusão escolar, capacitar e acessibilidade curricular, além de viabilizar a troca de experiências e o debate colaborativo sobre as metodologias adaptadas mais eficazes para o ensino dos conteúdos de Biologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontros formativos do PIBID: inclusão em Debate

Os encontros formativos do PIBID acontecem na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), uma vez ao mês, e reúnem os bolsistas do subprojeto juntamente com a coordenadora.



Destacamos que esses encontros possuem cunho formativo, pois têm como objetivo central a discussão de práticas pedagógicas inclusivas, fortalecendo a formação inicial dos bolsistas e fomentando o compromisso com uma educação que acolha a diversidade.

Durante os encontros, são debatidos textos e artigos científicos sobre temas relacionados à inclusão, além do debate e reflexões das situações vivenciadas em cada Núcleo de Iniciação à Docência (NID). Entre os temas abordados, destacamos: as percepções de professores acerca da inclusão de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e outras condições; a conceituação e compreensão dessas especificidades; e os resultados de pesquisas sobre intervenções pedagógicas inclusivas no ensino de Ciências e Biologia, como o uso de recursos didáticos e/ou atividades adaptadas. Esses debates favorecem reflexões e a construção coletiva de saberes, visando preparar os docentes para atuarem de maneira ética e inclusiva em seus núcleos de atuação no PIBID. Haja vista a importância dos encontros, relatamos a seguir as principais reflexões e contribuições desses momentos para o desempenho na escola.

Nossos encontros formativos sem sombras de dúvidas são um aspecto bem importante, é um espaço de discussão teórica, nos quais lemos e debatemos artigos científicos sobre inclusão, diversidade e práticas pedagógicas. Esses momentos têm sido enriquecedores, pois ampliam nosso repertório teórico e contribuem para as práticas na escola parceira. A esse respeito, Leite (2008) afirma:

[...] teoria e prática são elementos indissociáveis da atividade docente, uma vez que para se refletir sobre seu trabalho, sobre sua ação, sobre as condições sociais e históricas de sua prática, o professor precisa de referenciais teóricos que lhe possibilitem uma melhor compreensão e aperfeiçoamento de sua atividade educativa.

A prática docente não pode ser separada da teoria. Para que qualquer licenciado comprehenda e melhore sua atuação, é urgente que ele se sustente em conhecimentos teóricos que o ajudem a refletir criticamente sobre sua prática e sobre o contexto social e histórico em que ela ocorre. Desse modo, as discussões no nosso subprojeto têm nos ajudado a repensar as ações práticas, discutindo diversos conceitos como capacitismo, os transtornos, as deficiências, as leis vigentes de inclusão escolar, currículo inclusivo, através da mediação da coordenadora de área, portanto, além de fortalecer nosso conhecimento, também estimula nossa postura ética na escola campo.

Ao nos aprofundarmos no estudo de conceitos como inclusão e capacitismo, passamos a questionar abordagens que, mesmo sem intenção, podem limitar a participação do aluno com



deficiência em sala de aula. Aprendemos a identificar as principais potencialidades de cada estudante, possibilitando o uso de estratégias de ensino mais ativas e participativas, que incentivavassem a autonomia no processo de aprendizagem.

Este desenvolvimento foi crucial para as intervenções realizadas, utilizando como foco as principais habilidades sensoriais e cognitivas já existentes nos estudantes, através de atividades lúdicas e interativas.

A maneira como planejamos as atividades refletiu na busca por uma educação mais inclusiva e diversa, corroborando diretamente com a visão de Batista e Mantoan (2007) quando afirmam que as práticas pedagógicas e metodologias de ensino devem ser adaptadas para reconhecer e valorizar as diferenças como condição essencial para o avanço educacional. Essa experiência demonstrou que a teoria, quando bem articulada à prática, não só a informa, mas a transforma, resultando em uma atuação docente mais humana.

As reuniões mensais se caracterizam como momentos de profundo compartilhamento de experiências e saberes. É nesse espaço que ouvimos relatos dos demais bolsistas sobre suas vivências no contexto do PIBID, bem como suas contribuições enquanto docentes em formação, compreendendo diferentes olhares sobre a prática pedagógica. É importante levar em consideração que esses encontros se configuram como um ambiente de escuta e acolhimento, onde os licenciandos se sentem confortáveis para se expressar livremente. Recordamos, com emoção, de uma das primeiras reuniões, quando foi partilhado os primeiros contatos com os alunos que se enquadram em situação de inclusão, ao evidenciar a evolução do aluno com Deficiência Intelectual, com relação ao conteúdo de Citologia, por meio de desenhos e pinturas.

Esse momento foi muito significativo, para os presentes, pois é muito satisfatório podermos presenciar o sucesso dos alunos, haja vista, as particularidades e desafios enfrentados. Nessas trocas compreendemos a relevância do professor na vida dos alunos. Essa experiência que obtivemos através do Programa, ficará marcada na nossa trajetória acadêmica, e também na nossa bagagem para a vida.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito às discussões em torno da legislação sobre a inclusão escolar. Ao estudarmos as normas legais, indicadas pela coordenadora de área, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), e a Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Decreto nº 8.368/2014), compreendemos que alunos



com deficiências, autismo, TDAH ou outras necessidades específicas têm o direito, garantido por lei, ao acompanhamento por um profissional de apoio escolar, quando necessário.

Merecem ser evidenciados também os artigos e pesquisas voltados à compreensão dos transtornos e das deficiências, que a coordenação de área indica para as discussões. Tais leituras têm sido indispensáveis para aprofundarmos nosso entendimento sobre o funcionamento e a complexidade dessas condições, permitindo-nos reconhecer que suas manifestações variam significativamente entre os indivíduos. Compreender, por exemplo, que transtornos como o TEA ou o TDAH podem apresentar diferentes graus de intensidade e os impactos de formas diversas no cotidiano dos estudantes, saber disso é necessário para o desenvolvimento de práticas pedagógicas a fim de atender essas necessidades. De acordo com Carvalho (2004), conhecer as características dos diferentes tipos de deficiência ou transtornos permite ao professor pensar estratégias mais eficazes e adequadas às necessidades dos alunos.

Mantoan (2006) reforça também que a inclusão escolar exige práticas que respeitem a singularidade de cada estudante, reconhecendo suas potencialidades e proporcionando condições para que todos possam aprender. Nesse sentido, o conhecimento sobre as especificidades não deve servir para rotular os alunos, mas sim para ampliar as possibilidades de aprendizagem de maneira estratégica e eficiente.

PIBID e a Formação Docente: Práticas inclusivas nas aulas de Biologia

A formação de professores exige mais do que a apropriação de conteúdos teóricos, faz-se necessário que, as vivências práticas, reflexões críticas e o contato direto com os desafios cotidianos da sala de aula, estejam presentes na realidade do licenciando. Nesse sentido, o PIBID cumpre essa tarefa, pois é uma política pública que traz contribuições para a docência e o fortalecimento da formação inicial de alunos matriculados em cursos de licenciatura. Nesse sentido, segundo a Capes (2024, s/p), o PIBID “insere os licenciandos no cotidiano das escolas públicas de educação básica, proporcionando-lhes oportunidades [...] pedagógicas de caráter inovador e interdisciplinar”. Além disso, Silva, Barreto e Santos (2020) defendem que o Programa além de aproximar a teoria e prática, também proporciona aos bolsistas o desenvolvimento de processos pedagógicos diversificados que fomentem um entendimento mais rico do ensino e aprendizagem. Ao nos aproximar do ambiente escolar ainda na graduação, o PIBID promove uma experiência formativa que articula teoria e prática, contribuindo

significativamente para a construção da identidade docente, reflexões sobre as escolas públicas e os aprendizados que a dinâmica do programa possibilita.

Dentre as intervenções feitas na escola parceira, destacamos a confecção de jogos didáticos para ensinar os conteúdos biológicos. A esse respeito, Lima (2015) defende que o jogo “é uma ferramenta pedagógica que estimula e pode facilitar esse processo de ensino por estabelecer uma relação afetiva entre o aluno, o professor e o conteúdo que se deseja ensinar e aprender”. Considerando as potencialidades desse recurso, as aulas se tornaram mais atrativas e dinâmicas para os alunos, o que possibilitou, ter um engajamento maior nas aulas.

Nesse contexto de valorização do aprendizado ativo e inclusivo, a produção de materiais didáticos para o ensino dos conteúdos de Biologia foi intensificada, como forma de contribuir para o desenvolvimento intelectual e cognitivo dos alunos. Entre os recursos elaborados, destacamos a criação de dois quebra-cabeças ampliados sobre "Os Cinco Reinos" (Figura 1), com o intuito de ensinar o complexo conteúdo da classificação biológica de maneira acessível e manipulável, para duas alunas em situação de inclusão.

Imagen 1: Quebra-cabeças sobre "Os Cinco Reinos".



Fonte: Autores, 2025.

O material representa graficamente os cinco reinos dos seres vivos (Monera, Protista, Fungi, Vegetal e Animal) e foi ampliado para facilitar a compreensão visual das ilustrações e dos títulos, além de permitir o manuseio com maior precisão. Sua elaboração se constitui como uma estratégia curricular para atender as necessidades específicas das estudantes.



É fundamental ressaltar que ao longo das aulas, observamos que as estudantes apresentavam uma melhor compreensão dos conteúdos em atividades baseadas em imagens.

Essa constatação guiou a intervenção. Vale destacar também, que uma das alunas não domina plenamente a escrita e a leitura, dessa forma a aplicação do quebra-cabeça garantiu a sua participação efetiva na atividade e proporcionou mais autonomia na construção do conhecimento.

O Quebra-Cabeça Inclusivo e os Cinco Reinos em ação

Durante a aplicação da atividade em sala de aula, as discentes demonstraram forte engajamento na resolução dos quebra-cabeças, concentrando-se na associação visual e espacial das peças para formar o quadro completo da classificação.

O caráter visual permitiu que a aluna com dificuldade de leitura participasse ativamente do processo, utilizando o reconhecimento visual dos organismos como principal chave para a categorização (Figura 2). A outra estudante, por sua vez, utilizou a leitura dos títulos e os encaixes como complementação ao processo lúdico.

Imagem 2: Alunas montando os quebra-cabeças durante a aula.



Fonte: Autores, 2025.

A todo momento realizamos a mediação da atividade, explicando o conteúdo de forma simples e utilizando seus conhecimentos prévios como ponto de partida. Convém ressaltar, que a utilização de jogos didáticos e atividades motoras na educação devem servir como veículo eficaz para a aprendizagem e domínio de conceitos como classificações biológicas, e não podem se restringir ao mero entretenimento do estudante (Kishimoto, 2011). Essa perspectiva é



fundamental para a Educação Inclusiva, pois reconhece o jogo como uma forma interativa e enriquecedora de apresentar o conteúdo, facilitando a assimilação do real e a construção de conhecimento de maneira ativa pelo aluno (Aguiar, 2006).

Durante a abordagem do assunto, as alunas tiveram a oportunidade de explorar o tema e se apropriar dos conceitos de forma consistente. Nesse sentido, destacamos o episódio, onde uma das estudantes foi capaz de apontar e nomear, com mais confiança, os nomes e características de alguns reinos, validando a eficácia do material adaptado para eliminar as barreiras de acesso ao conhecimento. Contudo, para a aluna com dificuldade de leitura, foi necessário utilizar exemplos relacionados ao cotidiano da estudante, como por exemplo, a associação da cor verde das plantas a uma tinta ou a conexão dos mamíferos a animais conhecidos em seu cotidiano, como o gato ou o cachorro.

Ficou evidente, neste processo, que o quebra-cabeça cumpriu a sua função tátil e visual para o ensino de Biologia, no entanto, a superação das barreiras de aprendizagem ocorreu por meio da interação e da flexibilidade pedagógica da mediação. A experiência foi capaz de comprovar que a docência inclusiva exige a articulação contínua entre um recurso didático de qualidade e uma prática docente reflexiva e atenta às singularidades de cada estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos, portanto, que o PIBID, tendo como um de seus eixos a educação inclusiva, tem se mostrado uma experiência extremamente relevante em nossa formação docente. As discussões promovidas durante as reuniões do subprojeto têm proporcionado um espaço rico para repensarmos nossas práticas e, sobretudo, para construirmos um olhar mais sensível e humano sobre os alunos em situação de inclusão. A partir desse processo coletivo de reflexão, temos conseguido elaborar estratégias didático-pedagógicas que valorizam a diversidade e buscam promover uma aprendizagem significativa para todos os estudantes. Os materiais adaptados, jogos educativos e demais recursos produzidos ao longo da atuação no subprojeto, têm desempenhado um papel central nesse processo, favorecendo o engajamento dos estudantes, o fortalecimento de vínculos e a construção de um ambiente mais acolhedor, participativo e inclusivo. Assim, o PIBID não apenas contribui para nossa formação teórica e prática, mas também reforça a importância de uma educação que reconhece, respeita e valoriza as diferenças, características fundamentais para uma educação de qualidade.



REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de. **Educação inclusiva:** jogos para o ensino de conceitos. 6^a ed. São Paulo: Papirus Editora, 2006.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior— Capes. Edital Capes 090/2025, de 25 de março de 2024. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://cad.capesgov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=14542#anchor>>. Acesso em 27 de Julho de 2025.

BRASIL. Lei n.^o 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 20 setembro 2025.

BRASIL. Decreto n.^o 8.368, de 2 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei n.^o 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm. Acesso em: 20 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduespecial.pdf> Acesso em: 20 de set. 2025.

BATISTA, C. A. M.; MANTOAN, M. T. E. **Atendimento Educacional Especializado:** Deficiência Mental. -Brasília: MEC, SEESP, 2007.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva:** com os pingos nos “is”. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

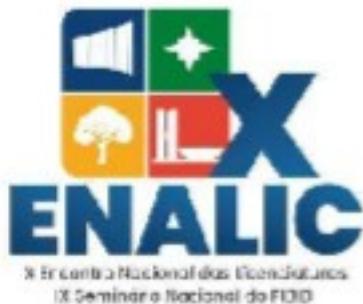
CROCHÍK, José Leon. **Dados censitários e de pesquisas sobre Educação Inclusiva no Brasil.** In: COSTA, Valdelúcia Alves da (Orgs.). Educação inclusiva na América Latina: políticas, pesquisas e experiências. Niterói: Intertexto, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 2011.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari, GHENDI, Evandro, ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação de Professores:** caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

LIMA, J. O lúdico na aquisição do ensino aprendizagem: espanhol língua estrangeira. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015. **Anais** [...] Paraíba: Editora Realize, 2015.



MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MATTANA, Stéfani Dutra et al. Contribuições do PIBID na formação inicial: intersecções com os pontos de vista de licenciandos de Biologia. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 18, n. 3, 2014.

Moura, M. L. S., Ferreira, M. C. & Paine, P. A. (1998). **Manual de elaboração de projetos de pesquisa.** EdUERJ.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 1 set. 2021. DOI: 10.22481/praxededu.v17i48.9010.

MORYAMA, Nayara; PASSOS, Marinez Meneghelli; DE MELLO ARRUDA, Sergio. Aprendizagem da docência no PIBID-Biologia. Alexandria: **Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 6, n. 3, p. 191-210, 2013.

DIAS, Viviane Borges; PITOLLI, Alexandra Marselha Siqueira; PRUDÊNCIO, Christiana Andrea Vianna; OLIVEIRA, Mário Cézar Amorim de. O Diário de Bordo como ferramenta de reflexão durante o Estágio Curricular Supervisionado do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz – Bahia. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (IX ENPEC)**, Águas de Lindóia, SP, 10 a 14 de novembro de 2013. Atas ... São Paulo: [s.n.], 2013.

OLIVI PAREDES, G. G.; GUIMARÃES, O. M. Compreensões e significados sobre o PIBID para a melhoria da formação de professores de Biologia, Física e Química. **Química Nova na Escola**, Curitiba, v. 34, n. 4, p. 266–277, nov. 2012.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Delano Moody Simões da; FALCOMER, Viviane Aparecida da Silva; PORTO, Franco de Salles. As contribuições do PIBID para o desenvolvimento dos saberes docentes: a experiência da licenciatura em Ciências Naturais, Universidade de Brasília. **Revista Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 20, e9526, 2018.

SILVA, F. T. (2019). O impacto do PIBID nas escolas públicas. **Revista de Gestão Escolar**, 12(3), p. 52.